

Entre a perfeição divina e a limitação humana: uma análise crítica da doutrina da inerrância bíblica

Between Divine Perfection and Human Limitation: A Critical Analysis of the Doctrine of Biblical Inerrancy

Dyego Constante Hespanhol¹
Isabela Amorim da Silva²

RESUMO

O artigo analisa o impacto do ceticismo moderno e da polarização sobre a percepção das verdades contidas na Escritura. Especialmente na Igreja cristã, tem crescido uma visão que desacredita de muitas verdades contidas no livro sagrado. O presente texto busca mostrar aos leitores que a inerrância bíblica está diretamente ligada à natureza divina. Se Deus é inerrante, verdadeiro e íntegro, isto é, inteiro, então o livro que o mesmo inspirou por completo não pode conter erros ou mentiras. Além disso, o artigo tem como objetivo mostrar que, na história da Igreja, sempre houve o conceito, embora talvez não o mesmo atual, de que a Bíblia não pode errar sobre qual assunto que seja.

Palavras-chaves: Inerrância bíblica, natureza divina, autoridade das Escrituras, revelação especial.

ABSTRACT

The article analyzes the impact of modern skepticism and polarization on the perception of the truths contained in Scripture. Especially in the Christian church, a view that discredits many truths contained in the sacred book has been growing. The present text seeks to show readers that biblical inerrancy is directly connected to the divine nature. If God is inerrant, true and integral, that is, whole, then the book which He fully inspired cannot contain errors or lies. In addition, the article aims to show that, in the history of the church, there has always been the concept, although perhaps not the same as the current one, that the Bible cannot be wrong about any subject whatsoever.

Keywords: Biblical inerrancy, divine nature, authority of Scripture, special revelation.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o excesso de informações nas redes sociais cria um cenário desafiador na sociedade, onde há uma separação de dois grupos de pessoas: Os que

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista no Rio de Janeiro (FABAT).

² Graduanda em Teologia pela Faculdade Batista no Rio de Janeiro (FABAT).

creem, sem questionamento, em absolutamente qualquer assunto referente às pautas política, social e religiosa, que lhes seja apresentado; e há os que, de maneira cética, suspeitam de toda e qualquer notícia veiculada nas plataformas. Essa polarização tem se infiltrado em muitos ambientes cristãos, e temos visto uma presença significativa do segundo grupo. Partindo dessa perspectiva, percebe-se que muitos cristãos, com essa visão cética generalizada, não conseguem enxergar a verdade absoluta nas Escrituras. Essa desconfiança da Bíblia não é novidade no cenário cristão, conforme afirma Norman Geisler:

Sempre houve uma batalha pela Bíblia. A história da Igreja foi atormentada por perspectivas divergentes e errôneas sobre o assunto. Orígenes (185-254 d.C.) negou a historicidade de partes de Gênesis e alegorizar outras passagens também. [...] Durante a Reforma, Calvino acusou Serveto (1511-1553) de negar a inerrância factual de partes da Bíblia. Até os tempos modernos, no entanto, nenhuma das visões divergentes e errôneas das Escrituras se tornou a posição central. [...] Na verdade, foi somente no início do século XX que perspectivas não ortodoxas das Escrituras se tornaram amplamente aceitas nas Igrejas de linhas denominacionais tradicionais.³

Durante as duas décadas entre as guerras mundiais do século XX, na Inglaterra, o cristianismo estava sendo fortemente bombardeado pelo Liberalismo. Conforme afirma John Henry Newman:

O liberalismo na religião é a doutrina de que não há verdade concreta na religião, mas que uma crença é tão boa quanto outra [...]. É inconsistente com qualquer reconhecimento de qualquer religião como verdadeira. Ensina que todas as crenças devem ser toleradas, pois todas são uma questão de opinião.⁴

Aqueles que defendiam fortemente os princípios ortodoxos, oriundos da Reforma protestante, estavam sendo bombardeados, enquanto na América do Norte, os que sustentavam os principais fundamentos cristãos, como a autoridade divina da Bíblia, recebiam o nome de “Fundamentalistas”. Nota-se que a História possui um perfil cíclico e através dela podemos compreender como esses homens responderam aos ataques dessa onda cética em relação à verdade absoluta divina.

Diante desse novo cenário, é necessário refletir sobre a natureza perfeita divina que decidiu se revelar à sua criação através das Escrituras. Esse pressuposto levanta uma dúvida: É possível um Deus infalível revelar-se por intermédio de um livro escrito por homens falhos? A resposta para essa pergunta nos conduz à discussão e ao

³ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração**. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p.23.

⁴ NEWMAN, John Henry. **Sayings of John Henry Newman**. London: Burnas and Oates, [s.d].,p. 18.

conhecimento sobre a doutrina da inerrância divina. O questionamento pós-moderno não se limita apenas à veracidade nos textos em suas interpretações ou aplicações, mas aprofunda-se sobre a relativização da própria verdade.

O presente artigo tem como objetivo apresentar que a natureza divina está relacionada com a confiabilidade e infalibilidade das Escrituras. Desse modo, serão abordados os seguintes aspectos: (1) A relação da revelação divina e a Bíblia; (2) A doutrina da inerrância bíblica; (3) Testemunhos históricos da Inerrância: Agostinho, Calvino e Lutero; (4) Críticas contemporâneas à inerrância; e, por fim, (5) A Natureza de Deus como fundamento da verdade bíblica.

1. A RELAÇÃO DA REVELAÇÃO DE DEUS E A BÍBLIA

Compreende-se como Teologia a ciência cujo objeto de estudo é Deus, de acordo com sua revelação. De acordo com Erickson⁵, a revelação de Deus acontece de maneira geral, observável na natureza, na história e na humanidade, e de forma especial, onde Deus se revelou a pessoas específicas em momentos e locais determinados. Por meio da revelação geral, o ser humano pode conhecer e reconhecer a natureza grandiosa e gloriosa de Deus, uma vez que Ele colocou no coração humano a lei moral, permitindo assim que todos tenham uma noção de bem e mal, certo e errado, buscando por um significado maior na vida, mostrando-se acessível a todos e em todas as épocas e sua mensagem é menos específica e detalhada em comparação à revelação especial.

Partindo desse pressuposto, surge a seguinte questão: É possível desenvolver uma teologia sustentada na compreensão de Deus apenas com base na sua revelação geral? A teologia natural, conforme apresentado por Erickson⁶, é uma abordagem que busca conhecer a Deus através da razão e da observação do mundo natural, independente da revelação especial, ou seja, uma teologia desenvolvida sem a Bíblia. Essa abordagem argumenta que a existência de Deus e certas verdades teológicas podem ser discernidas por meio da razão humana, sem a necessidade dos textos sagrados, onde pode-se compreender quem Deus é através da observância da criação, partindo do princípio que a criação, intacta, não sofreu os impactos da queda. Conforme

⁵ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 140.

⁶ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 148.

afirma Erickson:

O cerne da teologia natural é a ideia de que é possível chegar a um conhecimento verdadeiro de Deus com base apenas na razão, sem um compromisso prévio de fé com as crenças do cristianismo e sem depender de alguma autoridade especial, como uma instituição (a Igreja) ou um documento (a Bíblia).⁷

Karl Barth contesta tanto essa abordagem quanto a revelação geral, defendendo que a revelação de Deus se encontra em Jesus e sem ele, é ineficaz, em resposta ao liberalismo no século XX. Para ele, um dos textos usados para respaldar a teologia natural (Romanos 1.18-32), não é suficiente para trazer à união com Deus o conhecimento sobre Ele. Para ele, sem a encarnação de Cristo, não é possível ter a revelação divina. Erickson pontua:

Barth é bem cético quanto à visão de que os seres humanos são capazes de conhecer Deus sem a revelação em Cristo. Isso significa que eles poderiam conhecer a existência, o ser de Deus, sem conhecer algo sobre sua graça e misericórdia. Tal tese ofenderia a unidade de Deus [...]⁸

As duas concepções apresentam falhas em suas definições, uma vez que o homem natural, permeado pelo pecado, é limitado em sua natureza para compreender plenamente a dimensão da revelação geral de Deus - ainda que esta esteja presente de maneira objetiva, evidente e válida no âmbito da natureza, história e humanidade. Devido a queda, a visão do homem ficou distorcida, impossibilitando-o de interpretar de maneira correta a revelação geral de Deus. A razão, como um fio condutor para essa interpretação, também é limitada e a teologia natural, embora consiga afirmar a existência de uma divindade, não tem base que comprove a existência de um Deus cristão. A ideia de que não existe revelação geral, e de que a revelação divina se dá exclusivamente em Cristo, acaba por retirar a autoridade divina da Bíblia, uma vez que esse livro deixaria de ser a Palavra de Deus para ser apenas um registro de relatos sobre o Logos, Jesus Cristo.

Embora Jesus Cristo seja a revelação suprema do plano salvífico de Deus, a Bíblia é o documento basilar para a revelação especial de Deus. É por intermédio dela que a mensagem salvadora, os desígnios e a História de Deus na humanidade é conhecida, fundamentada e transmitida. Através dos escritos dos profetas no Antigo Testamento, que o mistério de Deus foi anunciado, e posteriormente, cumprido: Deus

⁷ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 148.

⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 151.

vindo em pessoa, na figura de Jesus Cristo, para a salvação da humanidade.

Depois da Queda, a revelação especial foi o meio pelo qual Deus revelou seus planos para homens, em momentos e lugares específicos, para que o seu relacionamento com a humanidade fosse restaurado. Erickson afirma que “observa-se que o objetivo da revelação especial era relacional.”⁹ Dessa forma, é correto afirmar que Deus escolheu se revelar de maneira direta, por meio de escritos, para que não somente alguns homens o conhecessem, mas toda a humanidade pudesse conhecer sua natureza e seu plano. A Bíblia é a autorrevelação de Deus, escrita, inspirada pelo Espírito Santo de Deus.

Sem ela, o conhecimento sobre Deus seria moldado subjetivamente pela razão humana, gerando concepções variadas e incongruentes. A Bíblia, embora escrita por mais de quarenta autores, em épocas distintas, contextos sociais e culturais diversos, apresenta uma mensagem coesa, unificada e coerente que ecoa até os dias atuais. É o testemunho de Deus sobre si mesmo, em linguagem humana.

2. A DOUTRINA DA INERRÂNCIA BÍBLICA

Para que o texto fique claro e didático é preciso inserir definições de termos para não confundir o leitor, pois quando se fala de inerrância não é incomum o leitor confundir com outros termos conhecidos, como infalibilidade e inspiração. A definição de inerrância defendida neste artigo é a mesma defendida na Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica:

A Escritura, sendo a palavra de Deus escrita, é isenta de erro em tudo o que afirma; e, portanto, deve ser crida, como instrução de Deus, em tudo o que ensina; obedecida, como mandamento de Deus, em tudo o que requer; e aceita, como garantia de Deus, em tudo o que promete.¹⁰

Em 1978, em Chicago, Hyatt Regency O'Hare produziu essa declaração juntamente com vários líderes cristãos evangélicos sobre a inerrância bíblica, assinada por Boice, Norman L. Geisler, John Gerstner, Carl F. H. Henry, Kenneth Kantzer, Harold Lindsell, John Warwick Montgomery, Roger Nicole, J.I. Packer, Robert Preus, Earl Radmacher, Francis Schaeffer, R.C. Sproul e John Wenham. Essa reunião foi

⁹ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 164.

¹⁰ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA**. Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025

denominada de Conselho Internacional de Inerrância Bíblica (ICBI- International Council on Biblical Inerrancy). O documento foi dividido em três partes: (1) Uma declaração sobre o documento; (2) Artigos de afirmações e negações sobre inerrância e, por fim, (3) Uma explanação. Conforme descrito na introdução do documento:

Deus, sendo Ele Próprio a Verdade e falando somente a verdade, inspirou as Sagradas Escrituras a fim de, desse modo, revelar-Se à humanidade perdida, através de Jesus Cristo, como Criador e Senhor, Redentor e Juiz. As Escrituras Sagradas são o testemunho de Deus sobre Si mesmo.¹¹

Infalibilidade é a doutrina que afirma que a Bíblia é confiável e não conduz seus leitores ao erro ou ao engano. Ou seja, a Bíblia é infalível, não possui falhas. O conceito de inspiração consiste na ideia de que tudo aquilo que foi registrado pelos escritores bíblicos foi soprado por Deus, pelo seu Espírito, aos escritores, utilizando linguagem humana. Durante o início da Igreja, pouco se falava a respeito deste conceito, visto que o mesmo precisou ser desenvolvido com a chegada do iluminismo. Entretanto, é perceptível como durante a história essa definição precisou ser formulada para então ser defendida.

Nota-se que de uma certa forma todos esses pontos estão interligados. Uma vez que a Bíblia em sua completude foi inspirada por Deus, com caráter inerrante, por conseguinte, conduz seus leitores à verdade, pois seu escritor, Deus a ninguém engana.

3. TESTEMUNHOS HISTÓRICOS DA INERRÂNCIA: AGOSTINHO, CALVINO E LUTERO

Antes que houvesse uma formulação sobre a doutrina da inerrância, observa-se que a crença de que a Bíblia não continha erros e era verdade de Deus já era presente na história da Igreja. A primeira afirmação que possuímos na História é do próprio Agostinho de Hipona (354-430) em sua carta:

Aprendi a devotar respeito e honra somente aos livros canônicos das Escrituras; creio com e toda firmeza que apenas com relação a eles os autores estavam completamente isentos de erro. E se nesses textos me sinto perplexo por alguma coisa que me pareça contrária à verdade, não vacilo em pressupor

¹¹ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA**. Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

que ou o manuscrito apresenta problemas, ou o tradutor não captou o sentido do que foi dito, ou eu mesmo não consegui compreender.¹²

Após essa declaração e no decorrer do tempo, tivemos mais dois personagens importantes na história da Igreja que parecem entender a Bíblia de forma inerrante: João Calvino e Martinho Lutero. João Calvino afirma:

Podemos perceber quão necessária era essa prova escrita da doutrina celestial, que não deveria perecer pelo esquecimento, nem desaparecer por causa do erro e nem ser corrompida pela audácia dos homens. [...] Pois os erros nunca podem ser erradicados do coração humano até que o verdadeiro conhecimento de Deus seja estabelecido neles.¹³

Lutero, por sua vez, afirmava: “Quando, porém, o coração se apega à Palavra de Deus, ele pode dizer sem vacilar: esta é a Palavra de Deus, que não pode mentir nem errar, disso estou certo.”¹⁴ É perceptível que as afirmações não deixam claro se Agostinho, Lutero e Calvino tinham em mente a mesma definição de inerrância que os inerrantistas posteriores tiveram, porém percebe-se que, para eles, a ideia de que as Escrituras não continham erros e era a Palavra de Deus está diretamente ligada à natureza divina.

4. FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA INERRÂNCIA

Havia no meio acadêmico, especialmente no século XIX, quando os textos sagrados passaram a ser questionados e negados por acadêmicos, que a pessoa que acreditasse na infalibilidade bíblica era denominada fundamentalista que, conseqüentemente, não estudava a Bíblia corretamente, pois, após anos de estudos e análises, encontraram centenas de “contradições” ou “erros”. E sim, a inerrância sofreu um ataque quando esses assuntos surgiram, apresentando dificuldades em interpretações de alguns textos narrativos e normativos. Todavia, este tópico tem como objetivo apresentar aquilo que a Bíblia fala a respeito dela mesma. Para isso, dois textos são usados para validar tal afirmação.

¹² AGOSTINHO, Carta 82.3.

¹³ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Livro 1, cap. 6, 3.

¹⁴ LUTERO, Martin. **Eighth Sunday after Trinity, third sermon**: Matt. 7.15-33, instruction concerning false prophets, 42, in: *Sermons of Martin Luther*, editado por John Nicholas Lenker, Grand Rapids: Baker, 1988, v. 4, p. 28.

O primeiro encontra-se em 2 Timóteo 3:16 “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”.¹⁵ É importante salientar que quando Paulo afirma que “Toda a Escritura é inspirada por Deus”, especificamente, às Escrituras que estavam disponíveis à época, ao que hoje conhecemos como Antigo Testamento, reconhecido pelos cristãos primitivos como autoridade divina. Segundo o estudioso D.A Carson:

O v. 16 apresenta uma forte declaração sobre a natureza da Escritura e sua utilidade. Mas o significado preciso foi muito disputado. Alguns questionaram se a palavra gr. Grafe necessariamente referem-se às Escrituras. Isso pode significar qualquer escrito. Mas a utilização do termo no NT indica que a escritura está bem estabelecida. No entanto, você está se referindo a toda a Escritura ou apenas uma parte? A utilização da palavra tudo é crucial. Se tudo aqui significa "tudo" seria entendido como diferentes partes das Escrituras. Mas os usos paralelos no NT sugerem que "tudo" é a tradução correta. Assim, Paulo está assumindo que toda a Escritura é inspirada por Deus.¹⁶

Ademais, o leitor pode olhar para o texto e entender que embora o apóstolo refere-se ao texto do Antigo testamento, isso não implica o Novo Testamento, visto que os próprios não tinham em mente que estavam redigindo um texto que seria colecionado posteriormente. Através dos estudos realizados por teólogos sistemáticos, chega-se à conclusão que os apóstolos conheciam os textos que rondavam as Igrejas na época e dialogavam com eles, tendo ciência de que eram leituras inspiradas. Em 2 Pedro 3:15-16 está escrito:

“E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles”.¹⁷

A palavra “demais” sugere que o apóstolo Pedro estava equiparando as cartas de Paulo às Escrituras hebraicas reconhecidas pelos judeus. Ou seja, a partir desta análise, é possível que os escritores do Novo Testamento reconheçam os próprios escritos como inspirados por Deus e, por isso, repletos de autoridade. Logo, uma vez que os apóstolos foram chamados por Jesus para fundar a sua igreja, os escritos dos mesmos se tornaram o alicerce, a base para a crença cristã a respeito de Jesus. Para que o ser humano creia

¹⁵ **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

¹⁶ CARSON, D.A. **Comentário bíblico** Vida nova, 2009, p. 1591.

¹⁷ **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

em algo a respeito de Jesus, é preciso se achegar aos escritos na Bíblia que relatam sobre sua história. Esses argumentos fazem sentido, se a autoridade e a inerrância dos escritos forem levados em conta.

5. CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS À INERRÂNCIA

Neste artigo, lidaremos com apenas duas críticas à inerrância, pois percebemos que na atualidade são críticas recorrentes e devido ao limite de linhas aqui, pretendemos lidar com essas duas de forma mais exaustiva: (1) A Bíblia possui erros científicos e (2) Objeção à inerrância.

Como já vimos até aqui, o tema inerrância das Escrituras se tornou discutível a partir da modernidade e com isso diversas críticas foram feitas ao texto bíblico com o intuito de considerá-lo um texto errante e infundamentavel. O teólogo Karl Barth certa vez disse:

A Bíblia provou e provará ser um instrumento verdadeiro e adequado para apontar o homem a Deus, à sua obra e às suas palavras, a Deus, o único infalível. Sendo a Bíblia um instrumento e documento humano, limitado e condicionado pelas visões temporais da natureza, da história, das ideias e dos valores, ela, nessa medida, não é isenta de pecado, como o próprio Jesus Cristo, e, portanto, não é infalível, como Deus.¹⁸

Existem teólogos que não acreditam na Bíblia devido a “erros” científicos a respeito de informações históricas e improbabilidades, como no caso da famosa história de Josué, onde o autor afirma que o “sol parou”. Deve-se ter em mente, entretanto, duas coisas. Primeiro, a Bíblia nunca se propôs a ser um livro científico e exatamente histórico. O autor bíblico estava lidando com questões da época e não estava preocupado em contar todos os detalhes com o intuito de convencer as mentes modernas sobre sua veracidade. Certamente Moisés, que é visto tradicionalmente como o autor de Gênesis, não estava preocupado em explicar cientificamente todos os pormenores da criação. Claro, há teólogos que defendem a literalidade da criação de Gênesis, outros entendem como uma alegoria ou apenas como uma forma do autor narrar a criação de uma forma em que os leitores pudessem entender. Se Moisés tivesse narrado toda a história do big bang, falasse sobre partículas, micro e macroevolução, seus leitores não entenderiam nada. Não faria sentido para eles, muitas avaliações modernas da Escritura

¹⁸ MORRISON, S. D. **The Bible is not sinless**: Karl Barth – Barth in Conversation. Disponível em: <https://www.sdmorrison.org/the-bible-is-not-sinless-karl-barth-barth-in-conversation/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

são anacrônicas.

Ou seja, são aplicados conceitos com suas definições modernas ao texto bíblico cuja distância temporal é grande. Segundo, há possíveis soluções para os atritos entre textos bíblicos e fatos verídicos que são facilmente descartados pela modernidade quando utiliza sua regra para julgar o texto bíblico. Adauto Lourenço por um lado, acredita que cada relato do texto bíblico é altamente preciso e aconteceu exatamente como narrado. Ele afirma: “A história nela escrita é autêntica e verdadeira, não possuindo o menor traço de distorção. O que foi relatado na Bíblia é exatamente o que aconteceu.”¹⁹

É importante ressaltar que a posição acadêmica favorável não corresponde à visão de muitos famosos fundamentalistas. A maioria dos teólogos acredita que sim, tudo que está na Escritura é verdade, porém deve se levar em conta sempre o que o autor quis dizer em sua época, quais circunstâncias o mesmo estava submetido e qual era sua pretensão ao trazer certo dado ou afirmação.

É um erro de muitos fundamentalistas pegar um texto, como por exemplo Salmo 104.5, um texto poético, para basear o terraplanismo e fazer parecer que os autores bíblicos estavam preocupados em informar a forma geográfica da terra. É preciso entender o tema de cada livro/carta, gênero literário e a intenção de cada autor para assim se definir o que cada texto quer dizer. Paulo Won afirma: “A Bíblia é uma diversidade de escritos pertencentes aos mais variados gêneros literários que apresentam, tal qual um teatro, uma única e coerente história.”²⁰

6. A NATUREZA DE DEUS COMO FUNDAMENTO DA VERDADE E AUTORIDADE BÍBLICA

A Natureza divina é um dos fatores mais importantes estudados pela Teologia. Compreender seus atributos, caráter e sua revelação auxilia na defesa da autoridade da Bíblia como verdade de Deus. A visão que o ser humano possui de Deus e o valor que a Ele atribui, estão intrinsecamente ligados à importância que dão aos escritos sagrados. Como crer em um livro Divino se a visão do Divino é distorcida ou inexistente? Conforme afirma Geisler:

¹⁹ LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 & 2: A Mão de Deus na Criação**. Editora Fiel, 2018. p. 8.

²⁰ WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 52.

Obviamente, acreditar que a Bíblia é a inerrante Palavra de Deus não é possível para quem nem mesmo acredita no Deus teísta da Bíblia. Da mesma forma, uma vez que a visão histórica sobre as Escrituras serem a inspirada Palavra de Deus é baseada em uma visão clássica de Deus, é compreensível porque teístas abertos, como Clark Pinnock (v.cap.4), que rejeitam a visão clássica de Deus negarão a visão de inerrância que acompanha essa visão teísta clássica.²¹

É a partir da doutrina de Deus que todos os demais assuntos da Teologia se sustentam. Concepções rasas de quem Deus é e como ele agiu e age na humanidade contribuem para uma descrença generalizada ou falácias acerca de Deus e de sua Escrituras. Todos possuem uma ideia formada de quem Deus é - até aqueles que não acreditam em sua existência. Erickson afirma que dois problemas são perceptíveis em relação à visão sobre Deus. A primeira é de um Deus carrasco, que a qualquer erro que o ser humano cometa ele tem uma punitiva severa para ofertar. A segunda é de um Deus tão gracioso e amoroso que não se opõe à alegria e prazer dos seres humanos.²²

Essas visões errôneas e exageradas não são vistas apenas no meio secular, mas dentro do contexto eclesial também. Todos possuem uma visão de Deus, mas é apenas a Bíblia que consegue centrar e equilibrar, de maneira correta, como Deus quis se revelar ao ser humano.

Para desacreditar a Bíblia como verdade de Deus é necessário, primeiramente, desacreditar em quem Deus é ou como ele atuou e atua na História. O teísmo clássico, conforme apresentado por Geisler²³, baseia-se em princípios em um Deus que está em todos os lugares (onipresente), imutável, onisciente, detentor de todo poder, eterno, infinito e moralmente perfeito. Crer que esse mesmo Deus é o autor da Bíblia é atribuir aos escritos um caráter de inerrância, pois um Deus que não possui erros não seria capaz de produzir escritos que os contivessem. Alegar que a Bíblia contém erros é afirmar que (1) Deus é capaz de errar, (2) Ela não é a palavra de Deus ou ambas afirmações.

Thomas Paine, um deísta²⁴ que surgiu no final do século XVIII, cria que havia um Deus e nada mais. Sua concepção divina tinha conceitos em comum com os teístas,

²¹ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 279.

²² ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 254.

²³ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 280.

²⁴ Deísmo é uma corrente filosófica e religiosa que crê na criação do universo por uma força sobrenatural, elevada, podendo ser Deus ou não, que permite o curso natural dos acontecimentos na criação, sem sua interferência direta.

mas a divergência era encontrada em relação à revelação divina. Para Paine, era incognoscível que Deus houvesse se revelado por linguagem humana, pois nenhuma palavra conseguiria ser um veículo das verdades divinas, conforme Geisler apresenta.²⁵ Para os deístas, a palavra revelada se encontra na criação, pois não está passível de alterações.

Todas essas implicações teológicas acerca da inerrância partem da compreensão que possuem sobre a Natureza de Deus. Crer em um Deus verdadeiro, único, imutável, bom e que com sua personalidade atribui à Bíblia (o escrito que revela de forma clara esses atributos e características) confiabilidade e autoridade.

Porém a autoridade Bíblica parte de uma esfera espiritual, chamada iluminação. Há quem acredite que a autoridade divina pode ser estendida e delegada a pessoas, como o Papa, ou a instituições, como a Igreja Católica. A partir dessas discussões, é importante introduzir a Bíblia como fonte autoritativa, normativa e histórica da vontade e dos feitos divinos. Por meio da Bíblia, compreende-se, em linguagem humana, aquilo que Deus quer para a humanidade. Embora a Igreja Católica defenda que ela detém a autoridade dada por Deus para ser a representante terrena de Deus, o que foi revelado, inspirado pelo Espírito e escrito, encontra-se registrado na Bíblia. Assim como um livro escrito possui a mesma autoridade verídica de uma palestra ou aula proferida por quem

o escreveu, da mesma maneira é a autoridade divina confiada à Bíblia. Contudo, há um fator externo importante que valida e ratifica a autoridade divina da Bíblia: o Espírito Santo. De acordo com a Declaração de Chicago sobre inerrância bíblica em seu Artigo VIII:

Afirmamos que a inspiração foi a obra em que Deus, por Seu Espírito, através de escritores humanos, nos deu Sua palavra. A origem das Escrituras é divina. O modo como se deu a inspiração permanece em grande parte um mistério para nós. Negamos que se possa reduzir a inspiração à capacidade intuitiva do homem, ou a qualquer tipo de níveis superiores de consciência.²⁶

Mesmo que sejam apresentados vários argumentos racionais sobre a autoridade divina, normativa e histórica da Bíblia, o homem caído ainda não consegue reconhecê-la sem a ação do Espírito Santo. Esse processo é chamado de iluminação. Erickson afirma:

²⁵ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 285.

²⁶ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA**. Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

“Há várias razões que tornam necessária a iluminação ou o testemunho do Espírito Santo para que os seres humanos entendam o sentido da Bíblia e tenham certeza de sua verdade.”²⁷

As razões para a ação do Espírito Santo estão na diferença ontológica e na natureza entre Deus e o homem, sendo Deus um ser infinito e transcendente, que não pode ser compreendido em sua plenitude pelo homem. Além disso, o pecado cauterizou a capacidade intelectual do homem. O último fator é que a Bíblia nos dá certeza sobre questões eternas, que o homem, apenas com sua razão, não poderia compreender e resolver sem a ação do Espírito. Sendo assim, ao iluminar o ser humano sobre as verdades divinas, o Espírito Santo o transforma.

No entanto, é preciso ter cuidado sobre a dualidade entre a leitura da Palavra e a iluminação pelo Espírito Santo. Há quem acredite que o ato de ler a Palavra, por si só, possui uma ação poderosa, normativa e sacramental, transformando a Bíblia em um amuleto e desconsiderando a ação do Espírito Santo. Contudo, o oposto também ocorre quando a experiência com o Espírito se torna o único canal de relacionamento e revelação de Deus, o que pode levar à criação de novas doutrinas sem base bíblica. As ações devem ocorrer de forma conjunta: leitura bíblica iluminada pelo Espírito Santo e experiências fundamentadas nas Escrituras. Conforme Erickson diz:

A palavra escrita, corretamente interpretada, é a base objetiva da autoridade. A dimensão subjetiva está na obra de convencimento e de iluminação do Espírito Santo. Essa dupla dimensão evita, por um lado, uma verdade estéril, fria e seca, e, por outro, um fervor impetuoso e imprudente. Juntos, os dois produzem a maturidade necessária na vida cristã — uma cabeça serena e um coração aquecido (não um coração frio e uma cabeça quente). Como disse um pastor, de forma simples e direta: “A Bíblia sem o Espírito, e você murcha; o Espírito sem a Bíblia, e você surta.. A Bíblia e o Espírito juntos, e você cresce”.²⁸

Diante da exposição acima, é perceptível que a compreensão da natureza de Deus é o fator essencial para afirmar a verdade e autoridade bíblica. A forma como Deus é compreendido pelo ser humano influencia diretamente a credibilidade que os escritos sagrados recebem como revelação divina. A autoridade bíblica é dada por Deus, não fundamentada em argumentos científicos, históricos, arqueológicos ou doutrinários, porém continua sendo testificada pelo Santo Espírito de Deus. Negar esse fundamento

²⁷ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 236-237

²⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 241.

divino estremece toda a estrutura da fé cristã. O reconhecimento da Bíblia como palavra de Deus não é resultado de uma leitura intelectualizada, mas é fruto de uma ação sobrenatural, a iluminação do Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da história da igreja, a doutrina da inerrância bíblica foi compreendida à luz da natureza divina e de sua revelação especial, não partindo de uma análise isolada. Deus, sendo perfeito, verdadeiro e infalível, nos entregou uma Palavra que emana perfeição, verdade e infalibilidade, refletindo sua vontade e caráter.

A pós-modernidade e a relativização da verdade, acompanhadas pelo ceticismo, que bebe da fonte do liberalismo teológico do século XIX e XX, têm buscado, continuamente, enfraquecer a confiança nas Escrituras, o que tem afetado nossas Igrejas. Faz-se necessário um retorno urgente às Escrituras Sagradas, para que a chama do Espírito Santo não se extinga no meio eclesial. A infalibilidade e autoridade bíblica não sustentam apenas argumentos racionais, mas validam a ação do Espírito Santo no entendimento humano para o discernimento das verdades espirituais. Uma Igreja que não tem como base a verdade bíblica está suscetível a ter uma compreensão de Deus rasa, que parta do senso comum, e com sua força enfraquecida contra possíveis ataques malignos.

Jesus, os apóstolos, Agostinho de Hipona, Calvino, Lutero, os fundamentalistas, teólogos reunidos em Chicago e outros se propuseram a contra-argumentar ataques nocivos à autoridade da Bíblia como palavra revelada de Deus, enfrentando duras críticas e lançando as bases para que, hoje, possamos responder aos conflitos e questionamentos da sociedade pós-moderna.

Desse modo, aprender sobre a doutrina da inerrância bíblica não é apenas uma manutenção da ortodoxia nos nossos tempos, mas é uma expressão de fé e coragem, que perpetuam os ensinamentos bíblicos que chegaram até nós. Negar a verdade bíblica é destruir com força e de maneira irreversível, em alguns casos, a fé cristã em muitas vidas. Por isso, os cristãos atuais devem buscar viver a palavra da verdade, com temor, lutando contra o relativismo moral e ideologias humanas que se opõem ao caráter de Deus expresso no texto sagrado.

Conclui-se, que a perfeição divina resplandece nas escrituras, fazendo com que a Igreja de Cristo Jesus permaneça saudável, atuante, irrepreensível, comunicando da natureza divina por intermédio do seu atributo, sua vontade e caráter para o mundo perdido no pecado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Carta 82.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã.** ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Livro 1, cap. 6, 3.

CARSON, D.A. **Comentário bíblico.** São Paulo : Vida nova, 2009.

DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA.

Monergismo. Disponível em:

https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

EVARISTO, Cleub. **O Espírito Santo e a suficiência.** *Vox Faifae*, v. 11, n. 1. Disponível em:

<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/158/170>. Acesso em: 22 abr. 2025.

GEISLER, Norman; ROACH, William C. **A inerrância das Escrituras:** confirmando a exatidão das Escrituras para uma nova geração. São Paulo: Editora Vida, 2024.

LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 & 2:** A Mão de Deus na Criação. Editora Fiel, 2018.

LUTERO, Martin. **Eighth Sunday after Trinity, third sermon:** Matt. 7.15-33, instruction concerning false prophets, 42, in: Sermons of Martin Luther, editado por John Nicholas Lenker, Grand Rapids: Baker, 1988, v. 4, p. 28

MORRISON, S. D. **The Bible is not sinless:** Karl Barth – Barth in Conversation. Disponível em: <https://www.sdmorrison.org/the-bible-is-not-sinless-karl-barth-barth-in-conversation/>. Acesso em: 17 jun. 2025

NEWMAN, John Henry. **Sayings of John Henry Newman.** London: Burnas and Oates, [s.d].

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.